

# CRÍTICA

**AUTOBIOGRAFIA DE UMA MULHER ROMÂNTICA (1), Natália Nunes**

**CARTILHA DO MARIALVA (2), José Cardoso Pires**

**D**UAS segundas edições assinaláveis: a primeira, exemplo flagrante de que, também entre nós, se podem escrever bons romances; a segunda, irreverente o bastante para que nos prenda até à última página — irreverente e oportuna.

## A CONQUISTA DO EU

...O que não é nada fácil. Sobretudo quando se trate de uma rapariga entalada entre uma lufada de ar fresco e uma moral caduca. Sobretudo, quando se sujeite essa moral a uma prévia análise crítica. Quando, perplexo de se ver existir, o espírito procura, obstinadamente, o autocarro que o leve à porta do Absoluto (3).

Há só as tuas asas e o céu sem caminhos — palavras de

Rabindranath Tagore, e abrirem o romance de Natália Nunes. Note-se, a sinalização precária não impediu Clotilde, a heroína, de dar ás asas o mais que pôde.

Se tinha asas era para voar. Para voar dentro de si e dentro do mundo, á procura do mundo e daquela chamazinha que lhe secava a garganta (o seu fogo). Dentro de um mundo antipático: em um dos seus aspectos: o do silêncio — tão duro, quanto abraçado ao ape-

lo da Terra. Da Terra majestosa e indiferente, porém, bela.

Até onde chegou Clotilde? É muito difícil dizê-lo. Pequeno-burguesa inteligente e sensível.

POR

MANUEL DE SOUSA LOBO

presa ao mundo convencional em que nasceu e solicitada por outros ritmos; ferida por uma grande exigência moral e por uma consciência desperta (Nem

quando durmo a minha consciência se liberta dos conflitos que a torturam (p. 72), quase doentia (a angústia da consciência espectadora e deformadora da espontaneidade das vivências (p. 36), é ferida pela instabilidade dos horizontes para que estas a empurram; dilacerada entre a comunhão efémera (de uma intensidade que se mostra e foge) e a sede de algo de permanente, fixo; insegura. Lítamos sem ela quando nos parece, ainda, distante de uma solução final.

Desorientada — (...) esta dor maior que é a de ver-me abismada numa existência que não compreendo (p. 68) —, desajustada, aceita não ter mais do que a imensa plenitude de um sonho que permanecerá, eternamente, uma ansiedade (p. 219): aceita essa única certeza: a de um modo de infelicidade: nunca o seu sonho se concretizará e a sua sede acompanhá-la-á até ao fim. Frustrada?

Mas, quando exclama: Vou-me embora. (...) Voltar ás mi-

(Continuo na 15.ª pág.)

# CRITICA

(Continuação das págs. centrais)

nhas serras, ás serras da minha infância, onde havia giestas de regaço acolhedor e perfumado! Atagá-las ainda uma vez e tornar a sentir o inebriamento dos primeiros pressentimentos ainda em pureza (p. 218), quem pode afirmar que tudo morreu nela? Ou, que só não morreu aquela ansiedade que preservará dos embates do mundo? Ela diz: (...) o meu caminho — hoje o digo — não conduz aos lugares felizes da quietude e das ansiedades satisfestas, o meu caminho não tem fim, há nele o suplício das fontes que nos dão de beber para nos fazerem mais sede, cada vez mais sede... (p. 170). Regresso á origem, regresso a si mesma, regresso á pureza — um ciclo de vida que se fecha para outro se abrir, talvez mais rico ou, só, talvez mais equilibrado.

## O TERRIVEL MARQUES

Não o de Sade. Mais cordato e marialva (apodado de terrível para prender a atenção do leitor). O marialva manso, ele e o seu mundo assentes no anacronismo. O baronete medieval atento á sua fazenda.

E, ao antimarialva — presente na Cartilha — caberia perguntar: «Por que se baralhou o espírito desta rapariga?» Talvez por insubmisso. Ela não quis aceitar regras que a sua consciência descobriu serôdias.

Em muitas personagens da novela moderna encontramos o horror á consciência. A consciência, que o mundo contemporâneo exacerbou e abandonou a si mesma quando exacerbou a dúvida, obriga os heróis dessas novelas a constatarem a sua condição de desajusta-

dos. Ela serve a sua exigência moral (ou, melhor: a sua necessidade de uma moral) e, por isso, aponta-lhes os anacronismos do meio pequeno-burguês em que se movem. Ora, cientes do divórcio entre as conquistas interiores e as convenções do meio, descobrem-se entalados — porque é nesse meio que têm de viver, sem poderem. E, é isto que lhes dói — a impossibilidade de se libertarem completamente de um meio que lhes repugna. Afinal, o que lhes dói é a sua inevitável incoerência.

Na realidade, a resignação é a virtude maior da mulher aos olhos do marialva (Cartilha, p. 187). Clotilde esqueceu-o enramada da auto-análise crítica e do risco. Como vimos (nota 3), casou mal, enviuvou mal e viu o amor fugir-lhe, na pessoa de um materialista alienado: Filipe. Dividida por dentro, não se ajeitou á vida. Porque a vida a não ajudou (4)?

Sobre o espírito do marialva contemporâneo — de raízes seculares — escreveu José Cardoso Pires. O seu livro pode dividir-se em três partes: a) o retrato do homem-só, herdeiro de Valmont e de D. Luis da Cunha (com um teliz apontamento sobre Roger Vailland); b) em oposição, o nosso marialva; c) a presença do espírito marialva na nossa literatura.

As duas primeiras partes, julgamo-las muito bem conseguidas — ainda que soando toda a obra dos defeitos de um estilo que, ambicionando-se ágil, sugestivo, sintético, descamba, por vezes, no pouco acessível. A distinção entre o homem-só e o marialva é bastante para que se desdobre, diante de nós, a mentalidade primitiva, mas, não ingénua, que se impõe ás pobres Clotildes com veleidades de independência e ou as deformas ou as amiguias; mentalidade viva que torna viva a Carta de Guia de Casados (1651), de D. Francisco Manuel de Melo (já no seu tempo considerado severo contra a liberdade das mulheres); a inferioridade da mulher, as fraquezas intrínsecas da mulher, a sua inferioridade social, pois (Do homem a praça, da mulher a casa). Diante do marialva, a mulher só pode repetir a célebre frase de Raul Solnado, ligeiramente modificada: Desculpe se eu sou inteligente... — porque ele não perdoará a mais vaga ameaça de razão crítica feminina, em sua casa...

A sobrevivência do espírito marialva — que todos os dias surpreendemos e de que todos nós temos um pouco —, os seus princípios e o porquê da sua vida secular, quando acerca disto escreve, escreve J. C. P. o melhor do seu livro.

Quando, porém, procura diagnosticar a fraqueza em autores como Julio Dinis (vítima fácil), M. Teixeira-Gomes ou Pascoaes, parecem-nos os exemplos forçados ou insuficientemente comentados. Mais do que nos outros é isso em Teixeira-Gomes flagrante e a heroína da primeira história de *Novelas Eróticas*, só por si, um desmentido.

O que não destrói os argumentos em favor da Cartilha. Ela é e que é brilhante (mais

brilhante, até, que outras páginas de J. C. P.), viva, oportuna, e superficial em certas páginas. Na verdade, tão oportuna e tão útil que dela podemos aproximar a *Autobiografia* de uma mulher romântica, dos documentos mais pungentes com que conta a nossa literatura. Um romance exemplar.

O livro de N. N., exemplar no desenvolvimento do assunto, na personalidade do tom, na justez das observações que levantam um admirável perfil de mulher, o romance de N. N., em que a sinceridade empresta um relevo invulgar á análise psicológica, informa-nos, entre muitas outras coisas, das dificuldades encontradas pela mulher, porque mulher, no nosso mundo hoje. E, a Cartilha faz-nos corar de vergonha; na cruzada de certas verdades que aponta. Lá fica a nossa consciência apouquentada...

MANUEL DE SOUSA LOBO

(1) 2.ª edição revista, Portugal Editora, 1966.

(2) 2.ª edição, Ulisseia, 1966.

(3) Clotilde, orfã e mãe, foi educada, na provincia, em casa de uma avó; sofreu a infância de uma preceptora alemã, Charlotte, mulher voluntariosa e independente; casou a meio de uma crise interior, com Luis, pequeno-burguês típico; enviuvou, pouco depois; conheceu Filipe, idealista-materialista febril, que não correspondeu ao seu affecto; sózinha, procura saber de si.

(4) E foi então que dei conta do meu desamparo, da impossibilidade de encontrar um auxilio que me viesse de fora. Pela primeira vez, conscientemente, o mundo me apparecia hostil e, sobretudo incompreensível, contraditório. «Autobiografia», pp. 159, 160.